



RELAÇÕES EXTERIORES

Lula: Trump diz que não vai interferir em eleição

Segundo o presidente, republicano tem sinalizado a interlocutores que não influenciará pleito brasileiro, mas afirma ter identificado “alguns indícios” de ingerência do norte-americano. Ele reitera que chefe dos EUA “age como imperador”

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, ontem, que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse a interlocutores que não vai interferir nas eleições brasileiras. Ele classificou a postura como “boa” e declarou que o pleito é um assunto local. O chefe do Planalto também voltou a dizer que o republicano “age como um imperador” por adotar práticas comerciais unilaterais.

As declarações ocorreram em entrevista à jornalista Christiane Amanpour, da CNN dos EUA, em Nova York — onde participará, hoje, da Assembleia-Geral da ONU (Organização das Nações Unidas). Lula enfatizou que as eleições brasileiras não devem ter ingerência da Casa Branca.

“Ele (Trump) já disse a muitas pessoas que não interferirá nas eleições brasileiras. E é bom que ele tenha dito isso. É bom que ele aja assim. Esse é o papel que espero de um presidente”, frisou. “Eu disse ao presidente Trump que é muito importante que os EUA não se metam nas eleições brasileiras, isso é extremamente importante. As eleições brasileiras são do interesse do povo brasileiro, e as eleições dos EUA são do interesse do povo americano. Não quero que os EUA tenham qualquer tipo de interferência. Há alguns indícios de interferência, de uso de inteligência artificial”, acrescentou, sem entrar em detalhes.

Uma possível interferência dos Estados Unidos na eleição presidencial do Brasil é cogitada por integrantes do Planalto. Relatório da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), enviado no fim de agosto de 2026 a autoridades federais e ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), elevou para “nível de criticidade” o risco de influência e ingerência norte-americana no pleito.

De acordo com Lula, nas eleições haverá a escolha entre a democracia e a barbárie. “A verdade é que o que está em jogo hoje no Brasil não é uma escolha entre pessoas ou partidos. O que está em jogo hoje é uma escolha entre ter democracia ou barbárie. Ou temos uma política de preservação da natureza, ou o desmatamento; uma política de inclusão social, ou o abandono dos pobres; o fortalecimento da cultura, ou o fim da cultura. É isso que está em jogo agora.”

Ao ser questionado sobre a disputa apertada contra Flávio Bolsonaro — presidenciável do PL —, identificada pelas pesquisas de intenção de voto, Lula repetiu ter certeza de que sairá vitorioso, mas admitiu preocupação com o pleito.

Urnas eletrônicas

Lula elogiou o processo eletrônico de votação adotado no Brasil. “Nenhum outro país consegue fazer isso. Não há contestação do resultado eleitoral”, declarou o presidente.

“Tenho certeza de que vou vencer as eleições, porque o Brasil precisa de democracia. E é por isso que vou vencer as eleições: porque fizemos tudo o que precisava ser feito em termos de políticas de inclusão social, educação e saúde. Ninguém fez mais do que nós nessa área. Portanto, agora cabe ao povo escolher”, destacou.

Ele também voltou a criticar a sobretaxa de até 37,5% imposta pelos EUA a produtos brasileiros. “Acho que essas tarifas foram baseadas em mentiras. O Brasil tem um déficit comercial de muitos bilhões de dólares com os EUA”, disse.

Lula defendeu o “multilateralismo” como forma de manter a “harmonia” nas relações comerciais entre os países. “O comportamento do presidente Trump tem um viés muito forte em favor do unilateralismo. Isso é muito perigoso”, afirmou. “O comércio tem que ser uma coisa equilibrada.”

Perguntado se mantém a posição de que Trump age como um imperador, o presidente brasileiro afirmou, com um sorriso, em tom de brincadeira: “Ele age como um imperador”.

“É uma forma de governar (de Trump) com a qual não concordo: ‘Sou mais forte, sou o mais rico, posso tudo, e todos os outros têm que obedecer’. É a lei do mais forte”, ressaltou.

Na conversa com a jornalista, Lula ainda tratou de reciprocidade nas negociações com os EUA. Ele frisou que o Brasil mirou a busca de novos parceiros econômicos para suprir o comércio com os Estados Unidos em meio à vigência do tarifaço.

“Não vou apenas tentar chorar pelo leite que foi derramado no chão. Vou procurar outros parceiros para tentar comprar e vender. É assim que eu faço na política também. E nós podemos aplicar a lei de reciprocidade com os EUA”, pontuou.

O chefe do Executivo afirmou que é muito cauteloso ao tratar dessa legislação e que não pretende aplicá-la enquanto houver negociações. Também destacou que não há intenção de confrontar ou desafiar Trump, nem de interferir em questões domésticas do seu país, mas que a gestão norte-americana não pode governar outros países. “Eu gosto de respeitar e de ser respeitado”, disse. (Com Agência Estado)

Getty Images via AFP



Lula presenteou o prefeito de Nova York, o progressista Zohran Mamdani, com uma camisa do Corinthians, e ganhou uma do Nova York City



Ele (Trump) já disse a muitas pessoas que não interferirá nas eleições brasileiras. E é bom que ele tenha dito isso. É bom que ele aja assim. Esse é o papel que espero de um presidente”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

Memória

Tarifaço como “punição”

Os Estados Unidos mantêm a vigência de um tarifaço de 25% sobre os produtos brasileiros. O governo norte-americano aplicou a medida em 22 de julho, como forma de “punição” por práticas comerciais consideradas desleais, após uma investigação que envolveu temas como o Pix, etanol e desmatamento na Amazônia.

Em 24 de julho, Trump estabeleceu uma sobretaxa de 12,5% como “resposta” a uma

investigação do Escritório do Representante do Comércio dos EUA (USTR, na sigla em inglês) sobre a importação de produtos fabricados com trabalho forçado.

O governo brasileiro disse à Organização Mundial do Comércio (OMC) que as medidas aplicadas pelos Estados Unidos são incompatíveis com as regras do comércio internacional. O Brasil também questiona a consistência das investigações que dão suporte às tarifas.

Troca de camisas com aliado

A agenda de encontros do presidente Lula na véspera da Assembleia-Geral da ONU, em Nova York, contou com reuniões com o prefeito de Nova York, o progressista Zohran Mamdani, e com o senador Bernie Sanders, representante da esquerda do partido Democrata.

“Um jovem político (Mamdani) que representa muito do que há de novo na política e tem um papel importante no futuro dos Estados Unidos e do mundo. Conversamos sobre o combate à pobreza e a importância de trazer cada vez mais jovens para a política”, escreveu Lula, nas redes sociais.

Ao fim da conversa, Lula presenteou o prefeito de Nova York com uma camisa do Corinthians. Mamdani, por sua vez, deu ao petista uma camisa do time de futebol Nova York City. Segundo ele, o chefe de Estado brasileiro é uma “inspiração”.

Também ontem, Lula se encontrou com o presidente do Uruguai, Yamandú Orsi. A conversa entre os dois foi pautada tanto pelo avanço do “extremismo político” na América Latina como por perspectivas

de fomentar a integração entre países do continente.

“Conversamos sobre a integração latino-americana e caribenha, bem como sobre as ameaças do extremismo político e da desinformação na região e no mundo”, escreveu Lula no X.

Dirigentes de esquerda, Lula e Orsi formam minoria entre representantes de países-membros e associados do Mercosul, atualmente presidido pelo líder uruguaio. Entre os países ligados ao bloco comandados pela direita estão Paraguai, Bolívia, Chile e Argentina.

A reunião entre Lula e Orsi também tratou de experiências de regulamentação uruguaia no mercado de apostas on-line, as bets (**leia reportagem na página 7**).

No programa eleitoral veiculado ontem, o chefe do Executivo foi incisivo sobre bets: “Tem gente gastando, que não pode gastar. Ninguém pode gastar o leite da família jogando. Então, nós vamos jogar muito duro para que a gente possa fazer com que mais dinheiro sobre para que você possa cuidar da sua família”, afirmou. (FAL)

Ludovic MARIN / AFP



Presidente Lula discursará na Assembleia-Geral da ONU hoje

» ARMANDO HOLANDA

No discurso, hoje, na tribuna da Assembleia-Geral das Nações Unidas, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva pretende reforçar a defesa da soberania brasileira e mandar recados contra tentativas de interferência externa em assuntos do país. O petista fará o tradicional discurso de abertura do debate de chefes de Estado, em Nova York, e será sucedido pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

A soberania deve funcionar, segundo interlocutores ouvidos pela reportagem, como um dos fios

condutores da manifestação. A expectativa é de que Lula defenda o respeito às decisões de cada país, ao direito internacional e às instituições multilaterais, além de sustentar que divergências entre governos precisam ser resolvidas pela via diplomática. A reforma das Nações Unidas, especialmente do Conselho de Segurança, também estará nas declarações.

O discurso ainda poderá abrir espaço para as disputas comerciais com Washington. O governo brasileiro enfrenta uma nova rodada de tarifas impostas pelos Estados Unidos, e Lula tem defendido

que o Brasil continuará negociando enquanto houver possibilidade de entendimento.

A tendência, porém, é de que o petista evite transformar a tribuna da ONU em palco para um embate com Trump. Integrantes do governo indicam que as divergências com Washington deverão aparecer de maneira mais ampla, inseridas na defesa do multilateralismo, da autonomia dos países e de relações comerciais baseadas em regras. A avaliação é de que esse formato permite ao presidente responder às ações norte-americanas sem reduzir uma manifestação de

alcance internacional a uma disputa bilateral.

Lula pretende acompanhar o discurso de Trump. Apesar da presença dos dois líderes no evento, até o momento não há, segundo interlocutores do Planalto, a previsão de uma reunião bilateral entre eles.

Pela tradição da Assembleia-Geral, o Brasil será responsável por abrir os discursos dos chefes de Estado. Trump falará logo na sequência. A proximidade das duas participações abre espaço para um eventual contato entre os presidentes nos bastidores, embora nenhuma conversa formal esteja acertada.